

Ednlio Soárez na Academia Cearense de Letras

Padre Paulo Mantovani

Excepcional Horácio, grande poeta latino da era clássica de Roma, na Ode XIX: *Imper monumentum aere perennius* - Era monumento mais perecível que o bronze. E mais adiante, na mesma Ode: *Non omnia mori* - Não morrem de todo, eis o misto que cabe às obras humanas, a seus autores e às Academias de Letras.

Fundada em 15 de agosto de 1894, nossa Academia antecedeu a antiga Academia Brasileira de Letras de 1897.

A palavra Academia tem significação "escola, lugar onde se ensina oficialmente a arte", remonta à Grécia antiga, onde o filósofo Platão criou um bosque no noroeste de Atenas, por ele denominado Academia, ou Jardim de Academus, onde Hiparco, discípulo de Platão, ensinou os seus discípulos e doutorados.

5ª PARTE

DISCURSOS

Em 1582, em Roma, o papa Gregório XIII criou a Academia de Roma, a primeira Academia de Belas Artes e em 1582, ainda em Roma, surgiu a Academia da Língua, destinada ao estudo da língua italiana.

A Academia Brasileira de Letras, a primeira com fins didáticos, criada por Decreto de 1897, é de 1897, a Real Academia de Letras de Lisboa e de 1635, a Real Academia de Letras de Madrid e as de Ciências de Berlim e Paris, criadas em 1774.

O objetivo acadêmico, como definiu Joaquim Nabuco, é uma reunião de homens de letras, com o intuito de promover a cultura e a ciência, e a Academia Brasileira de Letras, criada em 1897, é a primeira Academia de Letras do Brasil.

No Brasil, a Academia Brasileira de Letras, criada em 1897, é a primeira Academia de Letras do Brasil, e a Academia Brasileira de Letras, criada em 1897, é a primeira Academia de Letras do Brasil.

Discurso de Posse

Ednilo Soárez

Senhor presidente, Dr. Pedro Henrique Saraiva Leão

Gostaria de homenagear a distinta plateia na pessoa dessa grande dama que enobrece a sociedade cearense, Irismar Machado Linhares, digna viúva de Marcelo Linhares, um amigo que, embora não esteja mais entre nós, continua sempre presente.

Senhores Acadêmicos,

Senhoras, Senhores

Neste tempo de identidade de gêneros, vontade teria, por herança de terra, de receber de Iracema uma palavra doce saída dos lábios de mel, antes de revelar o orgulho de ingressar nesta casa: Benditos sejam o sol, o vento, a noite, as areias e a gente desta terra do Ceará, que tenho por dádiva, como berço e aconchego, escora e impulso, desejo e compromisso. Essa é a terra que se fez livre antes da liberdade e se firma, a cada dia, pronta a enfrentar o futuro.

Sou e serei sempre um cearense do Brasil, embora a inquietação da juventude me tivesse feito um dia, brasileiro do Ceará. Hoje, como cearense, tenho orgulho, senhores acadêmicos, de ingressar nesta augusta casa, a casa da palavra, da língua portuguesa, que deixou de ser inculta para permanecer bela e, pela música de sua fala, consolida um espaço transcontinental, na lusofonia que descobrimos ser mais que um instrumento de identidade. É, efetivamente, uma afirmação de cultura.

"Um prazer só pode ser considerado bom, se for compartilhado", ensinou Sêneca, o que faço aqui, nesta noite, nesta festa, ao confessar a minha felicidade de passar a dividir com os acadêmicos cearenses as preocupações com a arte de entender as pessoas através das palavras. Esse mistério cria povos, transforma tempos e, quando a grandeza bafeja, chega as civilizações.

Somos um povo criança que necessita da descoberta de caminhos que levem ao amanhã, pois estamos no tempo em que as tec-

nologias assustam pela instantaneidade com que se sucedem na velocidade do inconcebível e parecem dizer, a cada manhã, que nada da noite anterior está ainda em vigor.

O que poderia parecer uma dificuldade, no entanto, se mostrou quimera – nada se faz sem a palavra, a mesma palavra que fez do homem um senhor de seu destino, criou os poetas, ensejou a busca pela ciência, na decifração dos mistérios desta maravilha chamada vida, que começa todos os dias.

Na casa da palavra, aporto, na adolescência da minha velhice, com a brisa dos verdes mares a me dizer que o mundo chega logo ali e que o vento jangadeiro é capaz de levar longe os sonhos que acalentamos – e sonho cearense tem cantigas de alegrar.

Ser admitido na centenária Academia Cearense de Letras, a mais antiga do país, representa a maior láurea que um escritor pode almejar na terra onde, pela primeira vez, abriu os olhos Artur Eduardo Benevides, o Príncipe dos Poetas Cearenses e Presidente de Honra deste Sodalício.

De claro aos prezados acadêmicos o quanto me interessei pelo ingresso neste silogeu. E, em homenagem à origem de nossa língua, permita-me citar Cícero – *Omnes clari et nabuletati labores fiunt tolerabiles*, ou seja, todos os esforços acompanhados de reconhecimento são facilmente suportados.

Aqui chego para ocupar a cadeira que tem como patrono o Padre Inácio de Loiola Albuquerque Melo, o Padre Mororó. Ordenado pelo Seminário de Olinda, lecionou latim, destacando-se também como jornalista. Exerceu também o cargo de Secretário do Governo revolucionário de Tristão Gonçalves, foi diretor e redator do *Diário do Governo do Ceará*, o primeiro jornal editado no Estado. Mostrou-se intrépido ao ser sentenciado à morte, pois recusou a venda nos olhos, no momento do fuzilamento, no Passeio Público.

Essa cadeira, inicialmente pertenceu ao jornalista Demócrito Rocha, um baiano, formou em Odontologia, elegendo o Ceará como sua terra. Casou-se com D. Creusa do Carmo Rocha, recebendo de Deus,

duas dádivas, suas filhas, D. Albanisa Rocha Sarasate e D. Lúcia Dumar. Dentre as pessoas que o admiravam, estava o historiador Raimundo Girão que definia assim Demócrito Rocha: "Jornalista, ninguém o soube ser mais que ele". Fundou o jornal literário *Maracajá*, paladino do movimento modernista no nosso Estado, e o *Ceará Ilustrado*, em cuja trincheira combateu a oligarquia vigente com suas ideias democráticas por meio de *O Ceará*. Foi também o idealizador, Fundador e Presidente de *O POVO* durante 15 anos. Espírito inquieto e criativo representou o Ceará no Congresso Nacional, onde se destacou por seu verbo de orador eloquente e a veemência que foi sua companheira inseparável durante toda a sua vida de vitórias e conquistas. Qual o cearense que não ouviu, emocionado, diversas vezes, o seu imortal poema "O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta"/ Comovente é o final épico dessa composição:

...E, nos últimos arranques-vai
morrendo e resistindo...
morrendo e resistindo...
morrendo e resistindo..."

Foi também um atuante Sócio efetivo do Instituto do Ceará. Com o seu falecimento em 1943, assumiu a cadeira nº 10 deste sodalício, o Dr. Abelardo Montenegro, autor de 40 livros, um registrador perfeito e atento do século XX cearense. Esse registro foi feito em *História do cangaceirismo no Ceará*, *História do fanatismo no Ceará*, *Fanáticos e cangaceiros*, *O Ceará e o profeta da chuva*, dentre outros.

Quando precisei, estudando as coisas de nossa terra, recorri ao Dr. Abelardo Montenegro recebendo de um lúcido nonagenário lições preciosas, dadas com generosidade e paciência. Minha memória há de guardar a imagem desse homem de bata branca discorrendo sobre o Padre Cícero Romão Batista, de quem fui hóspede na busca de fatos para os livros que deixou como herança cultural para o Ceará. Professor, durante mais de trinta anos, da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Ceará, premiava, às suas expensas, os alunos que

mais se destacavam. Foi um missionário do saber. Deu-me importantes informações sobre o que buscava e, após um par de horas, na cordialidade que impôs, muito bem-humorado, contou-me fatos pitorescos.

Em um determinado governo, dizia ele, no início do século XX, o governador, necessitando empregar um parente de poucos conhecimentos, acolheu a ideia de um dos seus áulicos, daqueles sempre ávidos em agradar ao chefe. Como ninguém no Ceará de então, dominava a língua grega, seria nomeado professor do Liceu daquela disciplina. Surgiu, porém, um grande problema na primeira aula, um inesperado e indesejado aluno. Embora sem nenhum recurso pedagógico, desconhecendo mesmo o alfabeto helênico, o simulacro de professor possuía múltiplos recursos, sendo particularmente hábil na arte da improvisação. Usando todo o seu arsenal de artimanhas, conseguiu, arduamente, concluir a primeira aula. Pressuroso, dirigiu ao palácio do governo, neste prédio que nos abriga, preocupado com o impasse em que se encontrava. O que faria na sequência do curso?

Logo foi tranquilizado por seu padrinho. O tal aluno não frequentaria mais as aulas. Ele poderia retornar, sem angústia, à sua cátedra.

A promessa cumpriu-se fielmente. Por mera curiosidade, nosso pseudomestre aliviado, indaga como o padrinho convencera o aluno a desistir de seu intento de aprender grego. Este, com absoluta naturalidade, respondeu-lhe: "Ele está preso e só será libertado quando conseguir convencer os carcereiros que superou aquela vontade pueril de querer aprender grego".

Depois desse preâmbulo protocolar, Senhor Presidente, poeta e médico, doutor Pedro Henrique Saraiva Leão, recorrerei à maiêutica de Sócrates para apresentar-me:

Qual a minha origem?

Sou de uma família de professores, filho de Edilson Brasil Soárez e Nila Gomes de Soárez. Meu pai, por ser romântico e conhecedor de latim, resolveu criar a "sexta" declinação ao nomear seus filhos: Ednilo, Ednilze, Ednilton, Ednildo e Ednísio. Acadêmico de Direito, Edilson Soárez, utilizando-se de uma sala da Igreja Presbiteriana, emprestada

duas dádivas, suas filhas, D. Albanisa Rocha Sarasate e D. Lúcia Dumar. Dentre as pessoas que o admiravam, estava o historiador Raimundo Girão que definia assim Demócrito Rocha: "Jornalista, ninguém o soube ser mais que ele". Fundou o jornal literário *Maracajá*, paladino do movimento modernista no nosso Estado, e o *Ceará Ilustrado*, em cuja trincheira combateu a oligarquia vigente com suas ideias democráticas por meio de *O Ceará*. Foi também o idealizador, Fundador e Presidente de *O POVO* durante 15 anos. Espírito inquieto e criativo representou o Ceará no Congresso Nacional, onde se destacou por seu verbo de orador eloquente e a veemência que foi sua companheira inseparável durante toda a sua vida de vitórias e conquistas. Qual o cearense que não ouviu, emocionado, diversas vezes, o seu imortal poema "O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta"/ Comovente é o final épico dessa composição:

...E, nos últimos arranques-vai
morrendo e resistindo...
morrendo e resistindo...
morrendo e resistindo..."

Foi também um atuante Sócio efetivo do Instituto do Ceará. Com o seu falecimento em 1943, assumiu a cadeira nº 10 deste sodalício, o Dr. Abelardo Montenegro, autor de 40 livros, um registrador perfeito e atento do século XX cearense. Esse registro foi feito em *História do cangaceirismo no Ceará*, *História do fanatismo no Ceará*, *Fanáticos e cangaceiros*, *O Ceará e o profeta da chuva*, dentre outros.

Quando precisei, estudando as coisas de nossa terra, recorri ao Dr. Abelardo Montenegro recebendo de um lúcido nonagenário lições preciosas, dadas com generosidade e paciência. Minha memória há de guardar a imagem desse homem de bata branca discorrendo sobre o Padre Cícero Romão Batista, de quem fui hóspede na busca de fatos para os livros que deixou como herança cultural para o Ceará. Professor, durante mais de trinta anos, da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Ceará, premiava, às suas expensas, os alunos que

mais se destacavam. Foi um missionário do saber. Deu-me importantes informações sobre o que buscava e, após um par de horas, na cordialidade que impôs, muito bem-humorado, contou-me fatos pitorescos.

Em um determinado governo, dizia ele, no início do século XX, o governador, necessitando empregar um parente de poucos conhecimentos, acolheu a ideia de um dos seus áulicos, daqueles sempre ávidos em agradar ao chefe. Como ninguém no Ceará de então, dominava a língua grega, seria nomeado professor do Liceu daquela disciplina. Surgiu, porém, um grande problema na primeira aula, um inesperado e indesejado aluno. Embora sem nenhum recurso pedagógico, desconhecendo mesmo o alfabeto helênico, o simulacro de professor possuía múltiplos recursos, sendo particularmente hábil na arte da improvisação. Usando todo o seu arsenal de artimanhas, conseguiu, arduamente, concluir a primeira aula. Pressuroso, dirigiu ao palácio do governo, neste prédio que nos abriga, preocupado com o impasse em que se encontrava. O que faria na sequência do curso?

Logo foi tranquilizado por seu padrinho. O tal aluno não frequentaria mais as aulas. Ele poderia retornar, sem angústia, à sua cátedra.

A promessa cumpriu-se fielmente. Por mera curiosidade, nosso pseudomestre aliviado, indaga como o padrinho convencera o aluno a desistir de seu intento de aprender grego. Este, com absoluta naturalidade, respondeu-lhe: "Ele está preso e só será libertado quando conseguir convencer os carcereiros que superou aquela vontade pueril de querer aprender grego".

Depois desse preâmbulo protocolar, Senhor Presidente, poeta e médico, doutor Pedro Henrique Saraiva Leão, recorrerei à maiêutica de Sócrates para apresentar-me:

Qual a minha origem?

Sou de uma família de professores, filho de Edilson Brasil Soárez e Nila Gomes de Soárez. Meu pai, por ser romântico e conhecedor de latim, resolveu criar a "sexta" declinação ao nomear seus filhos: Ednilo, Ednilze, Ednilton, Ednildo e Ednísio. Acadêmico de Direito, Edilson Soárez, utilizando-se de uma sala da Igreja Presbiteriana, emprestada

pelo Rev. Natanael Cortez, também membro da Academia Cearense de Letras, começou a dar aulas particulares aos primeiros dois alunos que se multiplicaram ao longo da vida, numa história que começa com o casamento com Nila, também professora.

Plantaram a boa semente da educação com o Ginásio Sete de Setembro, hoje, Instituições Educacionais 7 de Setembro, com cinco sedes, as quais constituem o Colégio, a FA 7, Faculdade 7 de Setembro e o Centro de Desenvolvimento Educacional, em Pajuçara.

Como me interessei pela leitura, pelos livros?

Meu pai, professor de português, por vocação, teve como alunos os acadêmicos Artur Eduardo Benevides, Cid Carvalho, Giselda Medeiros, Regine Limaverde, Manuel Eduardo Campos, Natércia Campos, Carlos Augusto Viana, César Asfor Rocha, Cláudio Pereira, Suzana Ribeiro, João Dummar, além de intelectuais da estirpe de Nertan Macedo, Paulo Elpídio de Menezes Neto, Adísia Sá e Demócrito Dummar, uma bela safra de bons escritores. A convivência com ele despertou em mim o gosto pela leitura.

A biblioteca caseira era o espaço do sonho, sem censuras ou imposições. Para o Papai – infelizmente, quando descobri não o tinha mais –, os livros contaminariam a minha alma, não sendo necessário impor-me a leitura dos clássicos. As palavras descobertas nesta língua grandiosa levaram-me a pesquisa, ao encantamento, ao sublime descortinar dos mistérios da alma e da espécie. Eu caminhei por essas veredas, indo e vindo, até chegar ao meu porto.

Sou o produto do que li e do que aprendi com as pessoas com as quais tive o prazer de conviver. Sou, como diz Nélida Piñon, alguém que aprendeu “de imediato, que não era um ser inaugural, mas sim, herdeiro de sucessivas civilizações tão antigas quanto a presença do Homem na terra”.

Quando convivi, graças à minha participação na Associação Brasileira de Bibliófilos, presidida pelo Acadêmico José Augusto Bezerra, com José Mindlin, um homem que também amou os livros, dele ouvi uma frase daquelas que se imprimem em nossas mentes, com a força

de uma inscrição grega ou romana nos mármore de Carrara: "Nunca seria feliz em um país onde não houvessem livros". Eu, tampouco, o seria pois tenho a doce ilusão de ser senhor do mundo nas páginas dos livros que leio.

Convivi com pessoas que amavam os livros como Milton Dias, o Cláudio Martins, Odilo Costa Filho, Mauro Mota, Martins Filho, o maior de todos os cearenses, e Eduardo Campos. Gente que se foi, mas que tem a obra preservada. Por essa razão, na babel eletrônica dos tempos modernos, desejaria que os ensinamentos da Biblioteca de Alexandria, continuassem a ser uma farol a indicar que a cultura salva o homem.

Imagino, nos tempos das nuvens eletrônicas, a onisciência da nova Alexandria, com a biblioteca ubíqua e acessível de qualquer ponto da terra, a quem deseja saber. O livro jamais morrerá, transforma-se e renasce com a força da tecnologia.

Nosso dever é defender a língua, nosso legado de cultura maior, da ameaça da praticidade que a pressa das máquinas, impõe aos usuários de suas maravilhosas virtudes de armazenamento e expansão do saber.

* Quais os livros que nunca esqueci ?

O Tesouro da Juventude foi a obra que povoou a minha infância e puberdade, despertando-me o interesse pelo conhecimento, sendo meu fiel amigo por muitos anos, com seus dezoito volumes, de capa dura, azul com letras douradas. Nessa coleção, palmilhei estradas desconhecidas, ouvi falar de povos estranhos, conheci outros países e outras culturas, vivi tempos clássicos, antigos e modernos. Fui despertado pelo gosto de aprender, de viajar, de descobrir. Tornei-me próximo de heróis, cientistas, sábios e escritores. Tive a primeira e ampla visão do mundo na limitada ótica de um ginasiano.

Outro livro que diariamente consulto é a Bíblia. Além de ser uma fonte de fé, com mensagens espirituais, revelando em seus livros todas as Escolas literárias.

Verdadeiras odes, encontram-se nos Salmos, como: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará". Ou então: "Elevo os meus olhos para os

montes de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra". Chegamos ao seu versículo áureo: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna". Fui ao encontro do mundo, lendo o que me chegava as mãos. Nutri paixão pelos personagens de Érico Veríssimo e José de Alencar, o pai do romance brasileiro. Andei nas jangadas de Jorge Amado e sofri com as desditas dos seus capitães de areia. Encantei-me com a escrita perfeita de Rachel de Queiroz, a primeira mulher a cruzar os umbrais da Academia Brasileira de Letras, como acadêmica. Cheguei a Guimarães Rosa, com a reinvenção da língua, sem esquecer que acalentei minha alma com Adélia Prado, Bandeira e Vinícius de Moraes. Sim, sou homem da poesia oferecida ao povo como dádiva de um tempo de muitas procuras.

A vida, com suas vitórias e derrotas, alegrias e tristezas, formou-me pessoa e depois escritor.

* Porque desejei ingressar na Academia Cearense de Letras ?

Há muito sonhava com este dia, esta noite única, na minha vida de escritor.

Meu pai me deu a régua e o compasso para que eu chegasse até aqui. Na fase dourada de minha vida, em que ingenuamente acreditava ainda em amores à primeira vista, apaixonei-me pelo mundo da literatura, através da obra de Machado de Assis.

Guimarães Rosa também me encantou. Ele teve a ventura de possuir, ao contrário de Machado, uma formação erudita. Era poliglota e diplomata. Machado era um mulato urbano, neto de um escravo forro, mas com uma visão universal, tendo descoberto o mundo pela leitura. Guimarães Rosa, o ariano erudito, abriu as portas dos pastos das fazendas e nos mostrou o Brasil. O primeiro, fundador da Academia Brasileira de Letras, falando da alma antes de Freud; o segundo, universalizando a língua portuguesa pelo conhecimento dos vaqueiros. Os dois enfrentaram desafios, Machado, o preconceito da cor e das doenças; o Guimarães, combate o nazismo, na gloriosa missão de salvar judeus perseguidos.

Na literatura brasileira, bebi a água do saber. Nos livros dos au-

tores cearenses conheci a minha gente, a sua maneira alegre de viver, superando todos os percalços gerados por uma natureza madrasta.

Cativou-me, nos tempos de formação a obra de quem dedicou a vida aos desvalidos das pestes, especialmente, da varíola – Rodolpho Theophilo, foi adequadamente denominado pelo acadêmico Diatahy Bezerra de Menezes de “O apóstolo leigo”.

Eleito membro do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, além de ter sido Padeiro-Mor da Padaria Espiritual na sua derradeira fase. Amava o Ceará com todas as forças. Tendo-se descoberto baiano apenas ao ingressar na Faculdade de Farmácia da Universidade da Bahia, proclamava com orgulho. “Sou cearense porque quero”.

Percorria “as areias”, como se denominavam, naquele tempo, os agrupamentos humanos nos arrabaldes da cidade, onde os mais desfavorecidos, quase todos oriundos dos sertões, tangidos pelas secas inclementes que periodicamente assolam nosso Estado. Exercia o seu ofício montado numa égua, sempre com um terno branco e munido de um guarda-chuva. Foi o Quixote do Ceará.

Semelhante ao meu antecessor, Abelardo Montenegro e a Rodolpho Theophilo, também sou príncipe da Diáspora do Ceará por haver permanecido, por longos trinta e sete anos, no Rio de Janeiro. Seguindo os passos de ambos, tive também a ventura de poder regressar as origens, onde pretendo ficar “até o apagar da velha chama” de que nos fala Vinícius de Moraes.

Para encerrar a última pergunta:

Como espero retribuir a confiança dos Imortais da Academia Cearense de Letras?

Primeiro, escrevendo, porque esse é o meu ofício eletivo. Depois, participando e buscando, na instituição, os meios da valorização da leitura e da literatura. Nunca serei o problema, mas sempre parte de uma solução conciliadora.

Vejo esta Casa, não apenas como uma instituição de homenagens, mas como uma oficina de dedicados artesãos literários labutando em favor do saber, atuando no incentivo aos jovens das Academias

de Letras dos Estudantes, dos Colégios Maria Ester, Daulia Bringel e Sete de Setembro, que abrilhantam esta solenidade e de outras que se venham a organizar. Afirmo com a convicção dos velhos mestres que de seus celeiros sairão os futuros acadêmicos.

Ser recebido na Academia Cearense de Letras pelo professor, crítico literário, escritor e Acadêmico, Pedro Paulo Montenegro, representa ingressar na Arcádia com todas as "pompas e circunstâncias" devido a sua importante contribuição para a cultura cearense. Obrigado, grande Mestre, por tão carinhosa acolhida, ocasião em que generosamente analisou a minha produção literária.

Especialmente, ao amigo e Acadêmico Murilo Martins sempre acompanhado de sua gentil parceira de vida D. Maria Inez, ele como Presidente desse silogeu sempre me prestigiou participou de todos os eventos promovidos pela Academia Fortalezense de Letras, quando tive a elevada honra de dirigi-la, sucedendo a grande senhora dos salões literários cearenses, Cibeles Pontes.

Infelizmente a felicidade nunca é completa. Sinto e muito a falta daquela que sempre me incentivou, desde os meus primeiros passos na vida acadêmica, a Diretora-Administrativa da ACL e minha grande amiga-irmã, a dinâmica Acadêmica Regina Cláudia Pamplona Fiúza.

Por uma questão de justiça, agradeço também às suas eficientes colaboradoras Madalena Figueiredo e Cláudia Queiroz as inúmeras gentilezas de que tenho sido alvo.

Sou um afortunado por ingressar nesta arcádia, no mesmo ano em que a Academia Brasileira de Letras, reconhecendo os méritos de nossas letras outorga o Prêmio ABL, na área da Língua Portuguesa – versão 2011, ao trabalho *Atlas linguístico do Estado do Ceará*, do qual o acadêmico José Alves Fernandes participa como membro da equipe científica.

Uma palavra de eterna gratidão às Forças Armadas, em especial a Marinha Brasileira, por sua importante contribuição à minha formação na pessoa do Capitão dos Portos Comandante Alessandro de Sá Cavalcante, também ex-aluno do Colégio 7 de Setembro e que tanto contribuiu para o abrilhantar esta solenidade. Quero fazer uma confissão pública:

Tenho duas filhas maravilhosas – Elena e Eliana dedicadas integralmente à cultura de nosso país. Uma escritora, outra, produtora cultural. Fazem o que gostam e gostam muito da língua portuguesa e deste povo que a recria a cada dia. Inspiro-me nelas sempre que escrevo, porque devo ter um compromisso permanente com o tempo em que vivo. Quero ser fiel ao meu tempo. Cumpre-me agradecer ao Criador pelas minhas filhas e meus netos aqui presentes, Bianca, Lorenzo, Lorena e Carolina.

Deus, do alto de Sua generosidade, deu-me a Fani, minha mulher, a quem amo incondicionalmente, por tornar a minha vida perfumada e colorida. Naveguei em água revoltas e com o seu amor finalmente atraquei, “com a alegria de um barco voltando”, no meu porto definitivo. Obrigado, Senhor.

Não sou diferente da maioria dos cearenses, pertenço a uma família muito numerosa, a qual, está em grande parte, aqui presente, muito dos quais vindos do Rio de Janeiro. Desejo fazer um agradecimento muito especial a todos, mas na impossibilidade de nomeá-los, homenageio duas pessoas, meu irmão Ednilton e minha doce irmã Ednilze, a quem chamo, respectiva e carinhosamente, de Tom e Maninha, ambos exemplos de vida, verdadeiras bússolas que me orientam na superação das desafiantes vicissitudes do cotidiano. Agradeço ao meu bondoso Deus a existência de ambos.

A todos os amigos aqui presentes, aos meus companheiros de lutas e vitórias do Colégio 7 de Setembro, meus confrades da Academia Fortalezense de Letras, da Academia Cearense de Retórica, aos consócios do Instituto do Ceará, da Associação Brasileira de Bibliófilos, da União Brasileira de Escritores, aos companheiros do Rotary Club, na figura ímpar de Milton Moraes Correa, aos diretores de colégios e faculdades na pessoa de Tales de Sá Cavalcante, quem primeiro me acenou o ingresso nessa arcádia, e aos seus irmãos da Igreja Batista Manancial, por intermédio do dedicado irmão Jimmy Clark, os meus mais sinceros agradecimentos.

Desejando homenagear a todos os presentes, o faço, como se fossem minhas, as sábias palavras de Fernando Pessoa:

"Para ser grande, sê inteiro; nada teu exagera ou exclui; sê todo em cada coisa; põe tudo quanto és no mínimo que fazes; assim em cada lago, a lua toda brilha porque alta vive".

Concluo, para enlevo de todos, com sábios versos de outro Fernando, o Sabino:

"De tudo ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda um passo de dança...

Do medo uma escada...

Do sonho uma ponte...

Da procura um encontro".

Muito obrigado.